

CORRUPÇÃO, SUBDESENVOLVIMENTO E AS MASSAS NA ÁFRICA

Ibrahim Bangura¹

Temitope Oriola²

Henry Mbawa³



Introdução

Dois exemplos contemporâneos da Nigéria destacam a essência do argumento deste artigo. Primeiro, em novembro de 2019, um ex-senador nigeriano (2010-2015), Babafemi Ojudu, emitiu uma repreensão mordaz aos seus constituintes, amigos, parentes e associados políticos em um “leitor de advertências” amplamente divulgado. O senador Ojudu (2019) declarou:

Caros compatriotas, digam-me quantos congressistas e mulheres americanos contrataram bufês para alimentar os constituintes todos os dias que ele visita seu eleitorado? ... Onde mais no mundo os membros do partido são pagos, alimentados, vestidos e transportados para comparecer às funções do partido? No entanto, você fala de corrupção. Qual é o significado dessa corrupção? Não é corrupção exigir o pagamento antes de votar? Você não acha que quem pagou para você votar nele vai recuperar o investimento? (Ojudu 2019, s/p, tradução nossa)⁴.

1 Departamento de Estudos de Paz e Conflito, Fourah Bay College, University of Sierra Leone. Freetown, Serra Leoa. E-mail: bangural@yahoo.co.uk. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9070-5391>.

2 Departamento de Sociologia, University of Alberta. Edmonton, Canadá. E-mail: oriola@ualberta.ca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8780-8445>.

3 Departamento de Estudos de Paz e Conflitos, Fourah Bay College, University of Sierra Leone. Freetown, Serra Leoa. E-mail: henry.mbawa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9521-8955>.

4 No original: “Dear compatriots, tell me how many American congressmen and women hired caterers to feed constituents every day he visits his constituency?...Where else in the world are party members paid, fed, clothed and transported to attend party functions? Yet, you talk of corruption. What is the meaning of this corruption? Is it not corruption to demand to be paid before you vote? Don't you think whoever paid you to vote for him will recoup his investment?” (Ojudu 2019, n/p).

Ojodu observa que o título de “senador” era um “albatroz” — concidadãos cobravam preços excessivos por bens e serviços básicos e pediam ajuda para casamentos, contas hospitalares, funerais e mensalidades dos filhos, entre outras demandas financeiras. Essas expectativas se estendem às crenças dos cidadãos sobre como o senador deve viver. Por exemplo, Ojodu afirma que quando aparece na classe econômica do avião “todo mundo começa a olhar para você como se você tivesse perdido o caminho. Aquele olhar do que ele está fazendo aqui com todo o dinheiro que ganha ou que roubou” (Ojodu 2019, s/p, tradução nossa)⁵.

O segundo exemplo diz respeito a uma fraude supostamente perpetrada por Philomina Chieshe, balconista de vendas no escritório do *Joint Admissions and Matriculation Board* (JAMB)⁶ no estado de Benue, Nigéria. Chieshe informou a um painel de auditores em fevereiro de 2018 que uma cobra engoliu aproximadamente \$100.000 (EUA) do produto da venda da organização em sua posse. Um relatório do *Premium Times*, o principal jornal investigativo online da Nigéria, observa que Chieshe “confessou que sua empregada era conivente com outra equipe do JAMB, Joan Asen, para ‘espiritualmente’ (por meio de uma cobra) roubar o dinheiro do cofre do escritório de contas” (Adedigba 2018. Parênteses original, tradução nossa)⁷.

Como entendemos esses dois casos? De que falam as experiências do senador e do caso do escrivão, a respeito do labirinto da corrupção e do subdesenvolvimento na África? O argumento central deste artigo é que ignorar o papel das massas leva a uma compreensão incompleta das vinhetas de corrupção e da crise de desenvolvimento na África. O artigo argumenta que as práticas corruptas das elites e as ações, crenças, expectativas e demandas das massas sobre as elites se reforçam mutuamente, são correferenciais e, em última instância, co-constituem a produção processual de corrupção e o consequente subdesenvolvimento na África. Isso é ainda mais reforçado no que denominamos “a ironia das massas africanas” na luta contra a corrupção e o subdesenvolvimento na África. A ironia é conveniente demais para ser ignorada. As massas africanas exigem sua parte do bolo nacional por meio de apêndices ou associação com as elites políticas que saqueiam o Estado — uma das principais causas da pobreza e do subdesenvolvimento na África.

5 No original: “Everyone begins to look at you as if you have missed your road. That look of what he is doing here with all the money he earns or he has stolen” (Ojodu 2019, n/p).

6 O JAMB é responsável pela realização de um exame nacional obrigatório de admissão em instituições pós-secundárias na Nigéria.

7 No original: “Confessed that her housemaid connived with another JAMB staff, Joan Asen, to “spiritually” (through a snake) steal the money from the vault in the account office” (Adedigba 2018).

Embora não tentemos medir a culpabilidade — nossos objetivos são muito mais modestos —, este artigo argumenta que as massas são uma parte significativa do sistema que paralisou o desenvolvimento humano e social na África. Nosso objetivo — na medida em que é alcançado — é conscientemente provocativo. A posicionalidade das massas não pode mais ser ignorada. Muitas análises acadêmicas, com poucas exceções, omitem o envolvimento sucinto com o papel das massas ou não elites na luta contra a corrupção e o subdesenvolvimento na África. A interpelação e agência de cidadãos regulares ou não da elite está faltando em grandes volumes na literatura. Sem desvendar o papel das massas, as análises acadêmicas apresentam um quadro parcial e superficial da corrupção e do subdesenvolvimento na África. Isso empobrece a literatura sobre corrupção e subdesenvolvimento.

Este não é o primeiro artigo a reconhecer a importância do papel de indivíduos do setor privado na corrupção de funcionários do governo. Há quase 30 anos, Harsch (1993, 34) argumenta que a “ênfase está quase inteiramente na esfera estatal, tendendo a minimizar o comportamento daqueles no setor privado que contribuem para a corrupção de funcionários governamentais” (tradução nossa)⁸. Isso ressalta o papel dos executivos de negócios — empreiteiros, importadores/exportadores e outros comerciantes do setor privado. Estendemos os binóculos de Harsch (1993) para cobrir o papel das massas — pessoas comuns.

O desequilíbrio na literatura é problemático por várias razões. Primeiro, as elites políticas corruptas não existem em um vácuo social: elas fazem parte da estrutura da sociedade. Em países tecnologicamente avançados, as massas frequentemente assumem um papel maior no monitoramento da gestão do bem público. Portanto, a questão não é apenas “quem são essas elites?”. Também precisamos enfrentar a questão “que tipo de sociedade produz essas elites?”. Em segundo lugar, apesar dos problemas generalizados no sistema eleitoral, novas elites são fabricadas regularmente. Sendo assim, não são histórias inéditas de funcionários de nível médio, ou inferior, em vários setores da economia que alcançaram cargos de prestígio no braço executivo ou legislativo do governo. No entanto, poucas mudanças positivas ocorrem nas condições de vida das massas. Uma questão relacionada, portanto, diz respeito a por que a maioria das novas elites simplesmente se juntam, em vez de mudar, a batalha performativa e socialmente consequente de práticas corruptas. Terceiro, o foco nas elites é razoável, mas deve ser complementado por uma exegese sucinta do papel das massas nas ações das elites. Em outras

8 No original: “*Emphasis is almost entirely on the state sphere, tending to minimise the behaviour of those in the private sector who contribute to the corruption of governmental personnel*” (Harsch 1993, 34).

palavras, como as práticas corruptas das elites são influenciadas pelas massas ou constituintes que representam? Isso reconhece a inserção das elites políticas em redes e sindicatos de clientelismo, bem como a interpelação de seus constituintes rurais e urbanos. Quarto, embora as elites políticas ou militares, como o ex-presidente angolano José Eduardo dos Santos e o ex-Chefe de Estado nigeriano, General Sani Abacha e suas famílias e comparsas tenham acumulado bilhões de fundos estatais na Europa e na América do Norte, esta categoria de elites representa uma fração relativamente pequena das elites corruptas na África. A maioria das elites corruptas não tem acesso a essas somas gigantescas de dinheiro. Embora grandes somas de dinheiro sejam guardadas no exterior, uma parte significativa dos recursos roubados do estado circula no sistema nacional como parte da moeda e do mecanismo de retenção do poder, principalmente nos níveis de governo local e regional.

Algumas advertências são necessárias nesta fase. Primeiro, uma perspectiva dinâmica sobre a corrupção embasa o artigo. Essa perspectiva está ancorada nas realidades básicas da corrupção — a “mistura de causa e efeito”, o que significa “alguns dos fatores... identificados como causadores da corrupção também podem ser seus efeitos” (Alam 1989, 447-448, tradução própria)⁹. Essa abordagem tem implicações fundamentais para a análise que se segue. A corrupção é vista tanto da perspectiva da demanda quanto da oferta. Em segundo lugar, este artigo trata da proeminência da corrupção nas relações de classe, ao invés da formação de classes. Nossa preocupação é como as elites e não elites interagem com a corrupção como língua franca. Não nos concentramos em como a corrupção promove ou impede o surgimento de uma burguesia nacional ou local. Este é reconhecidamente um foco mais restrito, porém mais sucinto. Terceiro, as referências à “elite” no artigo implicam em elites políticas, a menos que indicado de outra forma. Isso reconhece a centralidade do Estado (e, assim, as posições nas burocracias do governo) como o epicentro das lutas pelo poder e outros recursos socialmente valiosos. Desta forma, o foco é principalmente nas elites em cargos eletivos e, secundariamente, em outros que devem seus cargos a cálculos políticos. Esta categoria inclui ministros do governo e comissários que podem não ser eleitos, mas devem manter um mínimo de capital sociopolítico e relevância. Separar entre elites econômicas e outras elites nos dá um foco nítido no objetivo do artigo — demonstrar que as massas são entidades representativas e grandes atores na corrupção e no subdesenvolvimento na África, em vez de vítimas monocromáticas ou monolíticas do sistema. Esta não é uma abordagem de “culpar a vítima”. Ele meramente se envolve com

⁹ No original: “Some of the factors...identified as causing corruption may also be its effects” (Alam 1989, 447-448).

uma peça que faltava em grande parte dos estudos contemporâneos sobre o assunto, dado que quando as massas deixam de apoiar a luta contra a corrupção, isso enfraquece e torna irrelevantes os esforços anticorrupção. Quarto, nossa abordagem corre o risco de apresentar um quadro patológico das massas na África. Isso está longe de nosso objetivo como estudiosos e pessoas de origens africanas. Nenhuma região detém o monopólio do controle da corrupção. Por exemplo, apesar da associação generalizada de corrupção com países africanos, a corrupção na África envolve quantias menores de dinheiro em relação a países como Rússia, França, Itália e grande parte da Europa Oriental (Szeftel 2000). No entanto, a relevância do nosso enfoque é destacada por evidências empíricas que demonstram que a corrupção na África é muito mais prejudicial ao desenvolvimento socioeconômico e à estabilidade política do que em qualquer outra parte do mundo (Szeftel 2000). Um aumento de 1% nos níveis de corrupção reduz a taxa de crescimento nacional em cerca de 0,72% ou, expresso de outra forma, um aumento de uma unidade no índice de corrupção reduz a taxa de crescimento em 0,545 pontos percentuais (Pak Hung Mo 2001).

A advertência final diz respeito ao reconhecimento da influência estrangeira na corrupção na África. Por exemplo, a ajuda monetária para o desenvolvimento muitas vezes acaba em contas estrangeiras de funcionários públicos corruptos. Em alguns casos, as multinacionais ocidentais encorajam e canalizam a corrupção na África para promover vantagem competitiva. Os Estados Unidos aprovaram a Lei de Práticas de Corrupção no Exterior de 1977 com o mandato de criminalizar certas classes de pessoas e entidades para fazer pagamentos a funcionários de governos estrangeiros para auxiliar na obtenção ou manutenção de negócios (USDJ). No Quênia, as elites esconderam no exterior \$ 3 bilhões de dólares de fundos de ajuda de 1990 a 2010 (ou seja, \$ 150 milhões por ano) (The Africa Report 2020). Enquanto organizações como Transparency International, Amnistia Internacional, Human Rights Watch e outras organizações não governamentais supranacionais (ONGs) destacam várias práticas corruptas e as suas consequências sociais na África, atores estatais como a Suíça, França, Inglaterra e os Estados Unidos continuam a receber fundos corruptos para custódia e investimentos, como imóveis, para os quais muitas vezes sua reticência evidente reflete um padrão duplo ao lidar com o continente africano. Essas atividades não geraram tanto ativismo social dentro e fora da África. Embora cientes dessas questões, privilegiamos os fatores endógenos sobre os exógenos na compreensão da corrupção na África. Como afirma Bayart (2009, 260), o Estado africano “assenta em fundamentos autóctones e num processo de reapropriação de instituições de origem colonial que lhe conferem uma historicidade própria;

não pode mais ser tomada como uma estrutura puramente exógena” (tradução própria)¹⁰. Em outras palavras, apesar da credulidade das reivindicações relacionadas ao legado colonial e às relações neocoloniais de exploração em curso, o Estado africano é, em muitos aspectos, sua própria entidade. Suas manifestações são irreduzíveis à sua carga histórica ou contemporânea induzida pelo estrangeiro. A importância dos fatores autóctones é evidente nas atividades das corporações transnacionais que muitas vezes têm permissão para operar impunemente na maioria dos países da África Subsaariana, na ausência ou na falha na implementação do quadro regulatório. Isso é significativo, dados os quase 60 anos de independência de praticamente quase todos os estados africanos.

Este artigo contribui para a literatura empírica sobre corrupção e subdesenvolvimento na África. Ele complementa o teor da literatura disponível. O artigo argumenta que os cidadãos que não fazem parte da elite não são passivos e, muitas vezes, recebem entusiastas dos rendimentos da corrupção burocrática. A corrupção pelas elites políticas é influenciada em parte pelas demandas e expectativas dos cidadãos comuns em relação às elites políticas. Essas demandas e expectativas não são uma parte insignificante da corrupção da elite. Este não é um artigo pró-elite, nem sugerindo um ponto de vista teleológico ou determinista. Em vez de um ponto de vista pró-elite ou unilinear rígido, o artigo tenta oferecer uma análise matizada e dinâmica de como o comportamento da elite reflete o resto da sociedade e como as ações e a inação dos cidadãos afetam a conduta das elites governantes.

O restante do artigo está dividido em sete partes. A primeira parte discute os dados e métodos. A segunda parte trata da literatura teórica e empírica sobre corrupção e subdesenvolvimento na África. O artigo não cobre todo o vasto material sobre corrupção, mas uma seleção proposital é empregada com foco em pesquisas baseadas em evidências sobre corrupção. A terceira parte apresenta os resultados empíricos com evidências contemporâneas para demonstrar o nexo entre a corrupção da elite e a cumplicidade das massas. Segue-se uma apresentação da influência etno-clientelista sobre a corrupção e a atuação da juventude no tratamento da corrupção nas partes quatro e cinco. A sexta parte analisa as implicações e consequências contínuas das ações atuais sobre a corrupção na África. A seção final apresenta conclusões sobre o envolvimento das massas na corrupção e consequente subdesenvolvimento na África.

¹⁰ No original: “Rests upon autochthonous foundations and a process of re-appropriation of institutions of colonial origin which give it its own historicity; it can no longer be taken as a purely exogenous structure” (Bayart 2009, 260).

Dados e métodos

Este artigo usa uma abordagem qualitativa. Quatrocentos e sessenta e sete entrevistas em profundidade foram conduzidas com quatro conjuntos de atores. Estes são funcionários do governo, incluindo parlamentares, acadêmicos, atores da sociedade civil e cidadãos comuns. O estudo envolveu participantes de oito países africanos: Guiné, Serra Leoa, Nigéria, Quênia, Mali, Níger, Sudão do Sul e Gana. Esses países foram selecionados por estarem entre os países com classificação continuamente baixa nos últimos dez anos no Índice de Percepção de Corrupção da Transparência Internacional. Amostragem de bola de neve foi usada para identificar e envolver os participantes. No entanto, alguns participantes foram selecionados com base em seus conhecimentos e contribuições para as discussões relacionadas à corrupção e governança na África. A pesquisa também teve como alvo participantes entre os cidadãos comuns para explorar suas perspectivas sobre a corrupção em suas sociedades e como ela poderia ser tratada. Os contatos dos autores nos países visados, a maioria dos quais dois dos pesquisadores haviam trabalhado em atribuições anteriores, foram fundamentais para a realização de entrevistas nos respectivos países. Sessenta e três por cento dos entrevistados eram homens, enquanto 33% eram mulheres. Além disso, 79 por cento dos entrevistados tinham entre 30 e 70 anos, enquanto 21 por cento tinham entre 18 e 29 anos. O público jovem foi levado em conta para ter suas perspectivas sobre a corrupção e avaliar a atuação da juventude e sua interação com as elites em suas respectivas comunidades. Os entrevistados foram conduzidos de março a junho de 2020 usando Skype, WhatsApp e telefone, uma vez que as entrevistas de campo não puderam ser realizadas devido à pandemia do coronavírus (COVID-19). As entrevistas foram transcritas, codificadas e analisadas tematicamente.

Corrupção e subdesenvolvimento na África

O artigo adota uma conceituação minimalista de corrupção. A destilação de Harsch (1993, 33) de uma definição das Nações Unidas é adequada: a corrupção abrange “roubo total, desfalque de fundos ou outra apropriação de propriedade estatal, nepotismo e concessão de favores a conhecidos pessoais, e o abuso da autoridade pública e posição para pagamentos exatos e privilégios”.

gios” (tradução própria)¹¹. A abordagem reconhece que, na maioria dos países em desenvolvimento, existe pouca fronteira na prática entre a propriedade privada e os recursos do Estado, bem como entre a sociedade civil e o Estado. Rotberg (2017) faz uma caracterização semelhante da corrupção, centrada na ganância e no interesse próprio como seus principais motivadores:

A ganância e o aproveitamento do interesse próprio estão embutidos na condição humana. Atos corruptos fluem de um desejo natural (racional) de melhorar sua posição e seu potencial de ganhos. Tanto o doador quanto o recebedor de trocas corruptas tentam fundamentalmente melhorar sua posição/situação/reivindicação, calculando até que ponto as responsabilidades e resultados diretos ou indiretos irão fluir de uma troca de gratificações, um reconhecimento de influência e a criação de obrigações (Rotberg 2017, 16, tradução nossa)¹².

A literatura sobre corrupção nos países em desenvolvimento é multifacetada, e o envolvimento acadêmico com os fatores causais e as consequências da corrupção é diverso. Primeiro, existem estudiosos que adotam uma abordagem modernizadora. A corrupção é vista como um fenômeno inevitável e imanente nos estágios preliminares do desenvolvimento capitalista (Huntington 1968). Portanto, a corrupção deve diminuir à medida que a sociedade se desenvolve. Isso é congruente com as experiências de vários países europeus (Scott 1969; Harsch 1993). Esta abordagem representa uma perspectiva orgânica de corrupção — o desenvolvimento capitalista deve anunciar o declínio da corrupção. A segunda perspectiva apresenta uma orientação ‘fanoniana’ em relação à elite nacional das ex-colônias. Em *The Wretched of the Earth*, Fanon critica as elites nacionais na pós-colônia por sua preocupação primária em substituir os colonialistas e se apropriar dos privilégios e padrões de consumo da metrópole ao invés de instituir um sistema social que seja justo para todos. Essa perspectiva é exposta por escritores, como Khalil Timamy (2005), que argumenta que:

11 No original: “Outright theft, embezzlement of funds or other appropriation of state property, nepotism and the granting of favors to personal acquaintances, and the abuse of public authority and position to exact payments and privileges” (Harsch 1993, 33).

12 No original: “Greed and taking advantage-self-interest are hardwired into the human condition. Corrupt acts flow from a natural (rational) desire to improve one’s position and one’s earning potential. Both the giver and the taker of corrupt exchanges fundamentally attempt to better their position/situation/claim, calculating the extent to which direct or indirect responsibilities and results will flow from an exchange of gratuities, an acknowledgment of influence, and the creation of obligation” (Rotberg 2017, 16).

A experiência do colonialismo levou as massas africanas a ver corretamente as instituições do Estado colonial como forças de usurpação dos recursos africanos. Gerou a mentalidade de que o Estado, e todos os recursos materiais à sua disposição, pertenciam a “outro”, e foi neste contexto que começou a corrupção sistêmica (Khalil Timamy 2005, 385, tradução própria)¹³.

O principal argumento entre teóricos como Timamy é que a adoção da mentalidade colonial de maximizar o saque da colônia para satisfazer o interesse dos imperialistas estimulou nas elites africanas um impulso explorador para o auto-enriquecimento às custas das massas. O que esses escritores sem dúvida falham em avaliar é o fato de que a prática da corrupção, após mais de cinquenta anos de independência na maioria dos Estados do continente, desenvolveu sua própria forma autóctone, embora moldada por configurações históricas e interações contemporâneas com interesses estrangeiros. Essas questões apontam para o fato de que a contextualização, ao invés do reducionismo, pode aumentar a compreensão das manifestações e efeitos da corrupção.

A terceira corrente na literatura sobre corrupção enfoca o papel do “público primordial” (Harsch 1993, 34) e a pressão que exerce sobre os burocratas como causa da corrupção. Isso fala de obrigações para com amigos e parentes e a atmosfera de impunidade anunciada pela falta de sanções normativas contra o uso de recursos do Estado para fins privados, desde que tal generosidade seja distribuída a pessoas da comunidade local de um oficial. Assim, a corrupção funciona como uma ferramenta para a mobilização política e manutenção do apoio público (Szeftel 2000). Em alguns casos, as elites políticas estendem recursos da generosidade aos oponentes, com o objetivo de silenciá-los ou conquistá-los. As expectativas do público e de amigos e parentes expressas por Ojudu apresentam camadas de pressão que estimulam a corrupção. Hough (2017) argumenta:

¹³ No original: “The experience of colonialism led the African masses to correctly view colonial state institutions as forces of usurpation of African resources. It generated the mentality that the state, and all the material resources at its disposal, belonged to ‘another’, and it was in this context that systemic corruption began” (Khalil Timamy 2005, 385).

A corrupção é ocasionalmente, não o problema em si; é uma resposta a um problema e pode funcionar como uma solução — talvez indesejável, talvez incômoda. Este ponto é importante para entender não apenas por que a corrupção acontece, mas também por que gerar soluções para os problemas de corrupção requer uma compreensão clara do contexto em que a atividade está ocorrendo (Hough 2017, 87, tradução nossa)¹⁴.

Este argumento é semelhante aos usados pelos participantes neste estudo para justificar a corrupção entre agentes de segurança mal pagos e mal motivados e funcionários públicos que alegam solicitar subornos para complementar seus magros salários¹⁵.

Uma quarta perspectiva considera a corrupção uma manifestação básica da atividade do mercado (Harsch 1993). Isso é consequência da influência arrogante do Estado nas atividades da economia formal. A corrupção é considerada uma prática rotineira que atende a certas funções, como a obtenção de licenças e definição de políticas. Essa abordagem funcionalista afirma que a corrupção ajuda a garantir a eficiência alocativa, a formação de capital e a promoção da integração entre as elites e populações etno-religiosas e linguisticamente divididas do Terceiro Mundo. Esta abordagem é não estática ao invés de dinâmica, subestima as implicações sistêmicas da corrupção (Alam 1989) e incorpora uma orientação teleológica.

As massas e sua cumplicidade com a corrupção e o subdesenvolvimento na África

Conforme indicado na seção introdutória, a interpelação e agência de cidadãos regulares, ou da não elite, está faltando em grandes volumes na literatura sobre enxerto e subdesenvolvimento na África. A lacuna existente tem limitado as narrativas, subestimando a abordagem para lidar com a corrupção e o subdesenvolvimento no continente. As subseções abaixo exploram as percepções públicas de quem corrompe as elites políticas dentro do contexto africano e como a relação e o modo de interação entre as elites

¹⁴ No original: “Corruption is on occasion, not the problem per se; it is a response to a problem, and may act as a — perhaps unwelcome, perhaps uneasy — solution. This point is important in understanding not just why corruption happens, but also why generating solutions to corruption problems requires a clear understanding of the context in which the activity is taking place” (Hough 2017, 87).

¹⁵ Com base em entrevistas realizadas em abril e maio de 2020.

e as massas estimulam e facilitam a corrupção e o subdesenvolvimento. As análises também interrogam a textura étnica e clientelista da corrupção na África.

Perspectivas sobre elites políticas corruptas

Existem linhas divergentes de perspectivas sobre como os participantes definem uma “elite política corrupta”. A construção de uma elite política corrupta depende em grande parte de um de dois fatores — a relação entre as massas e a elite política e a capacidade das massas de se beneficiarem diretamente da generosidade da elite. A caracterização de uma elite boa ou corrupta pelas massas não é apenas perceptiva, mas depende em grande parte do tipo e nível de relacionamento formado entre a elite e as massas. Essa distinção precisa ser explorada pelo prisma das massas. O cientista político guineense Rotberg (2017, 16) tenta explicar a distinção entre elites políticas boas e corruptas no contexto guineense e oferece uma perspectiva interessante:

Os políticos considerados generosos e bondosos e que tentam atender às demandas quase diárias de seus constituintes e famílias nunca são considerados corruptos. Eles são vistos como heróis na África. Ninguém questiona como eles conseguem o dinheiro que distribuem. Tudo o que as pessoas desejam é obter mais deles. Eles são considerados como seu acesso ao bolo nacional, pois não podem acessar os recursos diretamente. Esses políticos recebem oração de imãs e pastores e músicos cantam louvores e até choram quando os chamam, eles são os políticos adorados e favorecidos. É óbvio que as elites e as massas precisam umas das outras para que a corrupção prospere¹⁶ (tradução nossa)¹⁷.

A citação acima pode ser articulada com outro argumento de Rotberg (2017, 16), de que “ganância e interesse próprio estão integrados à condição

¹⁶ Entrevistado 11, Cientista Político na Guiné, entrevista realizada via Skype em 22 de maio de 2020.

¹⁷ No original: “Politicians who are regarded as generous and kind and try to address the almost daily demands from their constituents and families are never regarded as corrupt. They are seen as heroes in Africa. No one questions how they get the money they dish out. All people want is to get more from them. They are regarded as their access to the national cake, as they cannot access the resources directly. These politicians are prayed for by imams and pastors and musicians sing songs praising them and even cry when they call their names, they are the adored and favored politicians. It is obvious that the elites and the masses need each other for corruption to thrive” (Rotberg 2017, 16).

humana”. Essas narrativas fornecem uma compreensão de que, em alguns contextos, a construção social sobre a elite corrupta não é necessariamente baseada nas definições ou características reais da corrupção usadas por formuladores de políticos e acadêmicos. Em vez disso, está amarrado à opinião da elite ou do político ser “ganancioso/egoísta” ou “generoso — o Homem do Povo” e como eles atendem às necessidades daqueles ao seu redor e/ou dos membros de sua comunidade. Para o pedreiro entrevistado em Serra Leoa, ser considerado generoso isenta o político de ser coberto pelos “outros corruptos” e os coloca nos bons livros e na proteção de seus parentes. Tais entendimentos abrem um debate mais amplo sobre se a corrupção pode ser vista por meio de um binário de funcionalidade ou disfuncionalidade (Walton 2012).

A problemática, então, é que as elites políticas devem manter o modo pelo qual sua relação com as massas é definida e construída. Os efeitos resultantes sobre as ações da elite no desenvolvimento local tornam-se secundários ao desejo de construir um sistema de clientelismo que aumente sua relevância e valor para seus constituintes e parentes. Como resultado do acesso à generosidade das elites, algumas pessoas podem apenas querer que a corrupção acabe quando elas não estiverem se beneficiando diretamente do saque. As elites não precisam necessariamente fornecer acesso direto a sua generosidade; eles poderiam de maneira nepótica direcionar privilégios, contratos e empregos para seus parentes e amigos que podem não ser qualificados para tais oportunidades. O fracasso em fornecer tais oportunidades leva as elites a serem consideradas gananciosas e egocêntricas. Assim, conforme indicado na citação acima, as elites e as massas precisam umas das outras para que a corrupção prospere em qualquer ambiente. Um sociólogo do Nordeste da Nigéria argumenta:

Uma das principais razões pelas quais as pessoas apoiam políticos e funcionários públicos na África é para obter favores deles. O fracasso dos governos em fornecer serviços essenciais ao longo do tempo levou as pessoas a acreditarem que o acesso aos recursos em um Estado depende muito de quem você conhece e não do que você sabe ou o que faz. As pessoas apoiam seus parentes e seus conhecidos, com o objetivo de conseguir empregos, contratos e outros favores no final. Mesmo no topo, o apoio aos políticos se baseia principalmente no que você pode ganhar quando a pessoa está no cargo. Mesmo quando os políticos dão contratos a seus parentes e amigos, acaba em uma relação de dar e receber, com propinas de cerca de 10 a 20% esperadas pelo político, com os demais tribais também esperando se beneficiar do contrato, deixando os recursos saqueados e o serviço

doente ou não prestado, contribuindo para o subdesenvolvimento¹⁸ (tradução nossa)¹⁹.

A relação descrita acima é amplamente organizada por uma abordagem predatória de governança, que beneficia poucos contra a maioria. Oshewolo & Durowaiye (2013, 2) argumentam que esta “disposição não só popularizou o fenômeno da captura e corrupção da elite, mas também produziu desarticulação do desenvolvimento na África” (tradução nossa)²⁰.

Uma elite corrupta que se apropria indevidamente de fundos públicos para engrandecimento pessoal é mais elogiada por seu “foco” e “determinação em derrotar o mal da pobreza e da miséria”. Os fundos que teriam melhorado a prestação de serviços são direcionados para as carteiras pessoais de poucos, que então se tornam ‘filantropos’, fornecendo esmolas com a aprovação tácita dos destinatários pobres que conhecem as origens ilícitas desses fundos, mas se concentram apenas no que podem obter diretamente do funcionário público. Isso ficou evidente durante este estudo, quando um grupo de pessoas da comunidade que tinha acabado de receber mantimentos, incluindo óleo e arroz de um político local, foi entrevistado em Freetown em maio de 2020. Eles comentaram que o político era ‘generoso’, ‘bondoso’ e ‘cuidadoso’. Nenhum deles questionou a origem dos recursos para as compras.

Algumas sociedades têm uma opinião e, às vezes, estão sujeitas ao ridículo, às elites não corruptas ou “não tão corruptas” que não têm nenhum benefício material para mostrar por anos de serviço público. Com base nos salários em relação ao custo de vida, a maioria dos funcionários públicos pode nunca ser capaz de possuir legitimamente uma casa em países como Serra Leoa. Os familiares envergonham os burocratas e os políticos porque o vizinho, que ganha menos, construiu casas e possui frotas de automóveis,

18 Entrevistado 4, Sociólogo na Nigéria, entrevista realizada via Skype em 28 de maio de 2020.

19 No original: “One of the core reasons people rally behind politicians and public officials in Africa is to get favors from them. The failure by governments to deliver essential services over time has led to people believing that accessing resources in a state depends largely on whom you know and not what you know or what you do. People rally behind their kinsmen and those they know, with the aim of getting jobs, contracts, and other favors at the end. Even at the very top, support for politicians is mostly based on what you can gain when the person is in office. Even when politicians give their relatives and friends contracts, it ends in a give and take relationship, with kickbacks of about 10 to 20% expected by the politician, with the other tribesmen also expecting to benefit from the contract, thereby leaving the resources plundered and the service either ill or undelivered, contributing to underdevelopment”.

20 No original: “Disposition has not only popularized the phenomenon of elite capture and corruption, but it has also produced development disjointedness in Africa.” Oshewolo & Durowaiye (2013, 2).

enquanto o parente continua falando sobre integridade, responsabilidade e patriotismo. O cenário descrito acima é apropriadamente apresentado no livro de Ayi Kwei Armah, *The Beautiful Ones Are Yet Born* (1968) sobre a corrupção no Gana pós-independência. Armah personificou o burocrata africano não corrupto na história de ‘O Homem’, um personagem desprezado e desdenhado por sua família e pela sociedade por manter sua integridade e profissionalismo. Seus colegas e amigos eram admirados pela riqueza adquirida por meios corruptos. A esposa do Homem tentou fazê-lo entender a diferença entre quem fica rico e quem fica pobre porque tem medo de mergulhar no dinheiro público. O homem relatou sua conversa com sua esposa:

Mestre, minha esposa me explicou, passo a passo, que a vida era como muitas estradas: estradas longas, estradas curtas, largas e estreitas, íngremes e planas, todos os tipos de estradas. Em seguida, ela me disse que os seres humanos eram como muitas pessoas dirigindo seus carros em todas essas estradas. Foi nesse ponto que ela me disse que quem queria ir longe tinha que aprender a dirigir rápido. E então ela me perguntou que nome eu daria para as pessoas que têm medo de dirigir rápido ou de dirigir. Eu não tinha nome para dar a ela, mas ela não havia terminado. Acidentes aconteceriam, ela me disse, mas o medo de acidentes nunca impediria os homens de dirigir, e Joe Koomson aprendera a dirigir (Armah 1968, 33, tradução nossa)²¹.

A referência a Joe Koomson, um ex-colega de classe de O Homem, agora um Ministro que “aprendeu a dirigir e a dirigir rápido”, ou seja, a explorar fundos públicos, é uma explicação da diferença entre Koomson e O Homem, que se recusou a aprender a dirigir e permaneceu pobre e pouco apreciado por sua esposa e parentes. A frase define as expectativas e pressões sobre os funcionários públicos, principalmente os familiares, que consideram os que não são corruptos lentos e incapazes de se equiparar aos colegas, que são admirados pelo que ganham do governo. O Homem ficou sozinho e desprezado por sua esposa e parentes. Para eles, Koomson era o ‘Grande Homem’, definido na maioria dos contextos africanos pela riqueza e influência, enquanto O Homem era um homem pequeno, que

21 No original: “Teacher, my wife explained to me, step by step, that life was like a lot of roads: long roads, short roads, wide and narrow, steep, and level, all sorts of roads. Next, she let me know that human beings were like so many people driving their cars on all these roads. This was the point at which she told me that those who wanted to get far had to learn to drive fast. And then she asked me what name I would give to people who were afraid to drive fast, or to drive at all. I had no name to give her, but she had not finished. Accidents would happen, she told me, but fear of accidents would never keep men from driving, and Joe Koomson had learned to drive” (Armah 1968, 33).

não tinha nada que a sociedade pudesse admirar. Não ser corrupto parecia um pecado capital contra a sociedade, um pecado do qual O Homem era lembrado diariamente.

A pressão da sociedade em geral por doações pode ser atribuída ao fato de que as massas acreditam que os políticos têm acesso a recursos que eles são livres para administrar mal e utilizar para fins pessoais, enquanto as massas permanecem presas na pobreza. Portanto, para as massas, existe a percepção de que obter dinheiro ou qualquer forma de ajuda dos funcionários públicos equivale a receber o que lhes é devido por outros meios. Os políticos que não obedecem são removidos pelas massas, enquanto os que seguem o baile são mantidos no cargo. Eles são vistos como fora de sintonia com a sociedade e desaprovados por seu povo por causa de sua abordagem à corrupção. Qualquer iota de integridade ou princípios aos quais esses políticos tentem se apegar são desconsiderados. Eles são condenados como gananciosos e egoístas.

Textura étnica da corrupção na África

A etno-regionalização da política na África é um componente crítico que molda a interação entre os funcionários públicos, as massas e a corrupção. As pessoas apóiam as elites de seus grupos étnicos e regiões e as defendem quando necessário. A corrupção prospera em tais ambientes, e ir atrás de um funcionário público corrupto pode significar uma declaração inadvertida de guerra burocrática com todo um grupo étnico ou região de origem do funcionário público. Os funcionários públicos também podem alegar que um esforço anticorrupção é uma mera caça às bruxas contra eles e suas alianças étnico-regionais. A elite manipula a psique de seus apoiadores e parentes. Eles buscam sua proteção sob tais circunstâncias. Torna-se então responsabilidade dos beneficiários da generosidade do funcionário público proteger e defender seu benfeitor. Um psicólogo queniano argumenta que:

O sistema de clientelismo construído ao longo do tempo fornece aos políticos o capital sociopolítico de que necessitam quando são acusados de corrupção. Eles rapidamente conscientizam seus parentes de que são alvos da “caça às bruxas” e isso vende mais em sociedades fragmentadas e socialmente divisivas. As pessoas se unem por trás dos “seus” e a tensão que aumenta muda o foco do ato de corrupção para a divisão e fragilidade da sociedade. A maioria dos políticos entende a psique de seu povo e como se esconder atrás deles quando

surge a necessidade. Este é realmente um mau funcionamento sócio-político, uma doença que se infiltrou em nossa sociedade e destruiu seus tecidos morais²² (tradução nossa)²³.

Por mais que alguns funcionários públicos tentem entender e jogar com a psique das massas, conforme expresso na citação acima, as massas também entendem como se socializar e explorar funcionários públicos, especialmente quando eles não têm confiança e fé no sistema. O relacionamento é moldado em torno da exploração de ambos os lados, com os funcionários corruptos usando parte dos recursos que roubam para figurar nos bons livros das massas. Daí a categorização de um bom e um mau político articulada por alguns participantes. O bom político, segundo um entrevistado²⁴ no Sudão do Sul, é “o político que cuida do seu povo e não é ganancioso” (tradução nossa). Para este entrevistado, generosidade define ser bom ou mau e o foco não é se a pessoa é corrupta. O político corrupto para ele é o ganancioso. A falta de acesso a um funcionário público e a incapacidade de obter dinheiro desse político colocam o político nas contas ruins de seus parentes ou constituintes. Um funcionário público considerado ganancioso pode não ter necessariamente a proteção de seus parentes quando essa proteção for necessária.

A “política do grande homem” (Soderberg, Kovacs e Bjarnesen 2018; Utas 2012; Sahlins 1963) é uma forma típica de política na África que incentiva e alimenta a corrupção e a participação das massas. A política do grande homem é caracterizada pela difusão da política e das redes de clientelismo, que combina as “instituições de um estado burocrático moderno, incluindo eleições competitivas com a realidade informal do poder personalizado e inexplicável das relações patrono-cliente” (Soderberg Kovacs e Bjarnesen 2018, 11, tradução nossa)²⁵. Vários líderes africanos sobreviveram por décadas no poder por causa das estruturas e relacionamentos que construíram com

22 Entrevistado 57, psicólogo no Quênia, entrevista realizada via Skype em 23 de maio de 2020.

23 No original: “The patronage system built over time provides politicians with the socio-political capital they will require when they are accused of corruption. They quickly conscientise their kinsmen that they are targets of ‘witch-hunt’ and this sells more in fragmented and socially divisive societies. People rally behind ‘theirs’ and the tension that mounts shifts the focus from the act of corruption to the division and fragility in the society. Most politicians understand the psyche of their people and how to hide behind them when the need arises. This is truly a socio-political malfunction, a disease that has crept into our society and destroyed its moral fabrics”.

24 Entrevistado 26, um líder local no Sudão do Sul, entrevista realizada via WhatsApp em 23 de maio de 2020.

25 No original: “Institutions of a modern bureaucratic state, including competitive elections with the informal reality of personalised, unaccountable power of patron-client relations” (Soderberg Kovacs e Bjarnesen 2018).

sua clientela — a não-elite — dependente dessa relação informal para sua sobrevivência. Escrevendo sobre a síndrome da política do grande homem e da corrupção na África, Houeland e Jacobs (2016) questionaram por que os líderes africanos como Paul Kagame, Yoweri Museveni (e até recentemente Robert Mugabe) continuam a agarrar-se ao poder e resistir aos apelos para partir. Eles concluíram ligando o poder ao controle dos recursos do estado. Eles escreveram²⁶:

[A] presidência é uma empresa familiar e não há futuro ou ganho monetário fora da política. O acúmulo de riqueza e as oportunidades de negócios estão vinculados ao controle do Estado. Assim como a sorte econômica de seus aliados, funcionários do partido e, principalmente, a família do presidente. Uma vez fora do escritório, você perde a capacidade de administrar contratos ou obtém uma redução nos lucros. Após a posse, o então ex-presidente — ou, mais ainda, seus aliados — também corre o risco de ser processado por peculato ou abusos de direitos humanos (tradução nossa)²⁷.

As relações patrono-cliente são geralmente construídas ao longo de linhas etno-regionais, com o controle sobre o Estado garantindo o controle automático de status e riqueza. Torna-se tarefa dos parentes das elites mantê-los no poder, pois a perda de poder pode ter repercussões em termos de processo e a perda total do acesso aos recursos do Estado. Assim, ex-líderes africanos como Robert Mugabe, no Zimbábue, Hosni Mubarak, no Egito, Yaya Jammeh, na Gâmbia, José Eduardo dos Santos, em Angola, permaneceram no poder por décadas até serem removidos à força. Na Argélia, embora por quase uma década Abdelaziz Bouteflika estivesse incapacitado e incapaz de governar, sua família e pessoas próximas o mantiveram no poder. Seu principal interesse era manter o status quo até que pudessem instalar alguém que pudesse representar seus interesses às custas do que o vácuo poderia fazer ao país. O caso de Bouteflika acentua a importância do papel dos amigos e parentes dos líderes na corrupção e na política na África. As consequências da perda de poder alimentam o jogo de soma-zero em relação à política, tornando-a tóxica. Isso resultou em várias guerras civis nas últimas

26 See: <https://africasacountry.com/2016/03/the-big-man-syndrome-in-africa> (Accessed on 28 May 2020).

27 No original: “[T]he Presidency is a family business and there is no future or monetary gain outside politics. Accumulating wealth and business opportunities are tied to controlling the state. So are the economic fortunes of your allies, party officials and, crucially, the President’s family. Once you are out of office, you lose your ability to steer contracts or get a cut from profits. After tenure, the then former President—or, even more so, his allies—also risk prosecution either for embezzlement or human rights abuses” (Houeland e Jacobs 2016).

quatro décadas e continua a contribuir para a violência eleitoral na África. Segmentos das massas participam da execução e sustentação da violência, embora muitas análises acadêmicas ignorem ou subestimem a interpelação das massas na violência eleitoral.

Os participantes observam que fatores como analfabetismo, desemprego e pobreza contribuem para o conluio com as elites corruptas. No entanto, alguns entrevistados argumentam que algumas pessoas instruídas patrocinam e corrompem o sistema. Além disso, a falta de educação formal não sugere desconhecimento — as pessoas estão conscientes do que estão se envolvendo nas relações transacionais com as elites políticas. O conluio das massas com as elites tem implicações imensas.

Atuação da juventude e corrupção na África

A relação entre as massas e as elites políticas também mina a atuação dos jovens. Os jovens são mobilizados para defender as elites corruptas e participam ativamente das eleições para manter o controle dessas elites sobre o poder e os recursos. O ressurgimento, como indicado anteriormente, das elites após várias guerras e golpes militares na África criou uma impressão de que as elites corruptas não podem ser substituídas. Um jovem²⁸ do Mali argumenta “eles estão aqui para ficar, então é melhor seguir o baile com eles” (tradução nossa). Como tal, existe uma relação patrono-cliente onipresente com alguns jovens que servem como jagunços de políticos e de partidos políticos. Portanto, embora lhes seja negado o empoderamento socioeconômico de que necessitam, alguns jovens acreditam que o acesso ao ‘grande homem’ lhes proporcionará favores que talvez não obtenham do Estado. Um jovem nigeriano observa:

Os jovens não são tolos; nós sabemos o que está acontecendo. Sabemos que essas pessoas estão destruindo nosso futuro, fizemos tudo o que podíamos, mas elas ainda estão no controle, então temos que aprender a encontrar uma maneira de conseguir o que podemos delas, caso contrário, perderemos tudo, incluindo nosso estado de espírito²⁹ (tradução nossa)³⁰.

28 Entrevistado 62, Juventude do Mali, entrevista realizada via WhatsApp em 3 de junho de 2020.

29 Interviewee 50, Nigerien Youth, interview conducted via WhatsApp on 3 June 2020.

30 No original: “Young people are not fools; we know what is happening. We know these people are destroying our future, we have done all we possibly could but they are still in control, so we have to learn to find a way of getting what we can from them, otherwise we lose everything, including our state of mind”.

A citação acima sugere um sentimento de desesperança entre alguns jovens. A sobrevivência é vista como dependente de estar nos bons livros das elites. Essa orientação fatalista parece comum entre os jovens na África Subsaariana (Bangura 2016; 2018). Jovens em países como Libéria e Serra Leoa participaram de conflitos civis muito violentos com o objetivo de mudar os sistemas políticos e de se livrar das elites (Gberie 2005; Youboty 1993). Escrevendo sobre Serra Leoa, Bangura (2016, 39) afirma:

Duas vertentes distintas de análises foram usadas para explicar as causas e a longevidade do conflito em Serra Leoa, ambas de relevância para os jovens do país. A má governança e a corrupção foram amplamente apontadas como os principais fatores responsáveis pelo conflito, enquanto a marginalização da juventude e a influência dos recursos naturais foram consideradas como responsáveis pela extensão do conflito e a gravidade de seu impacto (Bangura 2016, 39, tradução nossa)³¹.

Apesar da gravidade do conflito e de suas extensas consequências, tornou-se evidente alguns anos após o fim do conflito que o status quo não havia mudado e que as elites ainda estavam no controle. Essa realidade contextual é comum em vários países da região. Assim, a atuação da juventude é moldada para envolver as realidades de sua situação social e é estruturada para garantir que eles tenham acesso à generosidade das elites, que lhes distribuem esmolas. A falta de oportunidades de emprego e educação entre os jovens na África levou à reengenharia dos espaços sociais por parte de alguns jovens. Na última década e meia, o continente experimentou o surgimento de grupos, camarilhas e cafeterias locais onde os jovens se encontram para expressar suas queixas e frustrações contra o estado e as elites políticas (Bangura 2016; Bergère 2016; Philipps 2013; Shepler 2010). Alguns se dedicaram às artes, usando a música, a comédia e o grafite para expressar suas opiniões sobre a sociedade e seu condicionamento para o silêncio pelas elites (Adedeji 2013; Weis 2009).

31 No original: "Two distinct strands of analyses have been used to explain both the causes and longevity of the conflict in Sierra Leone, both of which are of relevance to the country's young people. Poor governance and corruption have been widely argued to be the main factors responsible for the conflict, while the marginalisation of youth and the influence of natural resources are thought to have fueled the extent of the conflict and the severity of its impact" (Bangura 2016, 39).

Implicações e consequências contínuas das ações atuais contra a corrupção na África

A corrupção da elite e a cumplicidade das massas continuam a moldar a trajetória da luta contra a corrupção e o nível geral de desenvolvimento socioeconômico na África³². Embora o foco na corrupção muitas vezes tenha sido centrado no papel da elite e da grande corrupção, esta abordagem não ajuda a compreender até que ponto as forças estruturais desempenham um papel na formação da preponderância ou na luta contra a corrupção. A corrupção deve transmitir uma conotação negativa na maioria das culturas, mas como o ódio à corrupção e uma aceitação geral dela coexistem em uma sociedade, isto complica qualquer tentativa de fornecer explicações axiomáticas da correlação entre corrupção e subdesenvolvimento. Em outras palavras, como uma sociedade entretém um certo sistema político clientelista e de patronato, mas ao mesmo tempo afirma lutar contra ele é, na melhor das hipóteses, desconcertante e, na pior, limitante para os estudiosos, que tendem a ver a corrupção do lado da oferta. Este trabalho tenta preencher a lacuna, focalizando o lado da demanda da corrupção na África.

Na tentativa de identificar as razões para a corrupção da elite e a participação das massas no processo e as implicações para o continente, alguns entrevistados argumentam que o modelo de socialização e troca de recursos elaborado ao longo do tempo entre as elites políticas e as massas continua a ter efeitos significativos e implicações para o desenvolvimento e a estabilidade na África. Serra Leoa, há décadas, sofre com uma história desafiadora. A corrupção, o desemprego, a marginalização e a pobreza foram responsáveis pelo seu colapso em uma violenta guerra civil entre 1991 e 2002 (Bangura 2016). Apesar da guerra civil e de suas raízes, Serra Leoa continua presa à divisão com base na política étnico-regional, na desconfiança e na tensão. Essas questões servem como uma máscara para os políticos corruptos se esconderem. A corrupção na Serra Leoa tem a ver com identidade e com o que o grupo de identidade pode obter 'deles'. A política de identidade dilui a luta contra a corrupção, uma vez que fica repleta de suspeitas sobre a integridade do processo e a relutância dos blocos étnicos em apoiar qualquer luta que tenha como alvo seus parentes. Um sociólogo do Níger afirma que "Regularmente, os governos na África perseguem os seus oponentes em nome da luta contra a corrupção. No entanto, quando membros de seus partidos e tribos são acusados de corrupção, suas redes étnicas ressurgem para pressionar os chefes do

³² Com base nas entrevistas realizadas.

partido a liberá-los”³³ (tradução nossa)³⁴. Isso mina a responsabilidade e leva a um ciclo perpétuo de pobreza intergeracional e dependência de doadores para apoio. Mesmo países com grandes recursos acabam dependendo do apoio de doadores por causa da má governança e da corrupção. Uma especialista em desenvolvimento no Níger articula sua experiência:

Você vai para uma comunidade; não há água limpa, eletricidade e pouca comida. Você vê casas de barro e colmo por toda parte e há uma grande e bela casa de um político, com bons carros e dinheiro. As pessoas o adoram e cantam seu nome e ele lhes dá pouco dinheiro aqui e ali e a comunidade continua pobre. No entanto, os mais velhos e jovens que se alimentam dele gostam dele e mesmo assim não há hospital, nenhuma estrada boa e pouca comida. Ele fica gordo, enquanto outros emagrecem, mas o preferem. Ele é um deles, se puder dar esmolas, continuará sendo um deles. O que mais me perturba é que as pessoas não são estúpidas nem ignorantes, sabem o que se passa, mas permitem que prospere e é assim em todo o Níger³⁵ (tradução nossa)³⁶.

A citação acima aponta para os desafios de longo prazo para o desenvolvimento, pois as pessoas estão cientes do que está acontecendo, mas, na maioria dos casos, não questionam o status quo. Em vez disso, eles promovem o interesse das elites. Perguntas fundamentais podem ser feitas especialmente em relação a países que sofreram violência no passado. O cansaço ou a ambivalência se instalaram? As massas acreditam que nada mudará, mesmo que enfrentem as elites como algumas fizeram entre os anos 1980 e 2000, mas as elites conseguiram ressurgir?

Quaisquer que sejam as razões, as consequências da cumplicidade das massas na corrupção e no subdesenvolvimento do continente são graves. O

33 Entrevistado 61, Professor, Sociólogo no Níger, entrevista realizada via Skype em 21 de junho de 2020.

34 No original: “Regularly, governments in Africa go after their opponents in the name of fighting corruption. However, when their party members and tribesmen are accused of corruption, their ethnic networks resurface to put pressure on party bosses to let them off”.

35 Entrevistado 39, Especialista em Desenvolvimento no Níger, entrevista realizada via Skype em 1 de junho de 2020.

36 No original: “You go to a community; there is no clean water, no electricity, and little food to eat. You see mud and thatched houses all over and there is one big and nice house owned by a politician, with nice cars and money. The people worship him and sing his name and he gives them little money here and there and the community remains poor. However, the elders and youth who feed from him like him and yet there is no hospital, no good road and little food. He feeds on fat, they go thin, but they prefer him. He is one of theirs, if he can give handouts, he will remain one of them. What disturbs me most is that the people are not stupid or ignorant, they know what is happening, but they allow it to thrive and this is the case all over Niger”.

surto de doenças como Ebola e COVID-19 na África expõe ainda mais o nível de subdesenvolvimento e pobreza. A falta de condições básicas de segurança humana, que aumentam a dignidade e a qualidade de vida dos cidadãos, intensifica a exposição às doenças e o potencial de morrer delas, caso a Organização Mundial da Saúde (OMS) ou as agências humanitárias não intervenham.

Os participantes neste estudo fornecem várias recomendações sobre como superar os desafios apresentados pela cumplicidade entre as massas e as elites nas sociedades em toda a África. As recomendações incluem a intensificação da educação e conscientização do público. Isso inclui educação cívica com módulos sobre prevenção e abordagem da corrupção nos currículos de escolas, faculdades e universidades. Outras recomendações incluem o estabelecimento de sistemas e estruturas que podem reduzir o acesso direto aos recursos do Estado, fortalecendo a democracia, a boa governança e o Estado de direito, investindo em instituições de responsabilização e promovendo uma abordagem inclusiva para a educação pública e a luta contra a corrupção mediante o engajamento e o trabalho construtivos com líderes comunitários e religiosos, sociedade civil e meios de comunicação. Um especialista em paz e segurança de Gana argumenta que os tempos estão mudando e a compreensão de quem constitui um funcionário público africano corrupto está se tornando mais clara na maioria dos países da África:

As sociedades africanas estão se tornando muito mais esclarecidas sobre corrupção e práticas corruptas. Isso pode ser devido à educação sobre a luta contra a corrupção no continente. Muitas pessoas agora sabem que quando o burocrata não é responsável e transparente e dá contratos a parentes e amigos, isso é corrupção, quando o parlamentar ou vereador drena fundos destinados ao desenvolvimento comunitário que é a corrupção, quando os contratos são dados com propinas são recebidos por funcionários do governo, isto é, corrupção. O estabelecimento de sistemas e estruturas e a aplicação de leis e políticas para mitigar práticas corruptas, junto a atividades de educação pública, ajudarão a mudar a abordagem atual da corrupção no continente³⁷ (tradução nossa)³⁸.

37 Entrevistado 28, Especialista em Paz e Segurança de Gana, entrevista realizada via Skype em 23 de maio de 2020.

38 No original: "African societies are becoming much more enlightened on corruption and corrupt practices. This may be because of the education on the fight against corruption in the continent. Many people now know that when the bureaucrat is not accountable and transparent and gives contracts to relatives and friends that is corruption, when the parliamentarian or councilor siphons funds meant for community development that is corruption, when contracts are given with kick-backs are received by government officials, that is corruption. The establishment of systems and structures and the enforcement of laws and policies to mitigate corrupt practices, alongside public education activities will help to change the current approach to corruption in the continent".

Conclusão

O principal teor do argumento atual em relação à corrupção e ao desenvolvimento é que a natureza da política e da corrupção na África é o resultado de normas sociais, entendimentos e cultura. Como apontado acima, as percepções de corrupção são influenciadas não necessariamente em função de normas sociais, mas como engenharia política por elites cuja preocupação com a manutenção do poder político promove nelas certos comportamentos hostis à boa governança e ao desenvolvimento econômico. Os comportamentos das elites políticas são muitas vezes construídos pela maneira como a sociedade funciona e isso influencia a maneira como o público interage com as elites. Esta é uma relação dialógica e correferencial.

O padrão comum em todo o continente é a reificação de certos comportamentos sociais, incluindo a corrupção para fazer com que pareça a norma. As sociedades africanas não estão socialmente enraizadas em práticas culturais e consuetudinárias que promovem a corrupção, mas continuam a ser moldadas por elites políticas limitadas na sua vontade de promover um bom governo. O que aconteceu com o tempo é que as massas — as vítimas da corrupção — também reformularam seu relacionamento com as elites. As massas africanas implantam sua agência para navegar nas redes de clientelismo e nos sentimentos etno-regionais, o que fortalece a relação patrono-cliente. Os estudiosos costumam ignorar essa realidade. Esse mau funcionamento sociopolítico aumentou ainda mais a corrupção e a impunidade que a cercou por décadas. A relação existente está agora, na maioria dos casos, envolvida na política étnico-regional, na qual as massas defendem “a sua”, independentemente de sua ação. Como tal, embora o fardo da corrupção não possa ser transferido para as massas, o argumento neste artigo é que as massas não são tão ignorantes ou inocentes como são apresentadas. A incapacidade/relutância por parte das elites em mudar o status quo levou o povo a se posicionar estrategicamente para obter benefícios do sistema vigente. Assim, o arbítrio da juventude foi significativamente prejudicado, visto que os jovens na maioria dos ambientes estudados também se envolvem em práticas corruptas, como um meio de sobreviver da generosidade das elites. As elites que deixam de dar esmolas são as chamadas de corruptas, enquanto as que dão esmolas são consideradas bons políticos.

Independentemente de quais sejam os desafios, a capacidade dos políticos de estabelecer sistemas transparentes que despersionalizem o bem público é crítica para moldar a imaginação popular sobre o papel das elites e a função do Estado. A corrupção é menos uma função das normas sociais,

mas um produto de sistemas políticos que falharam em promover a responsabilização. O fortalecimento dos sistemas que mitigam a corrupção é fundamental para a concretização de mudanças em relação à corrupção em África. Principalmente, os esforços devem se concentrar em restabelecer a confiança das massas nas elites, com os meios de distribuição democrática de recursos e oportunidades aprimorados nos Estados. Este artigo contribui para o argumento de que as massas podem não ser tão inocentes quanto são percebidas, já que algumas são cúmplices e aumentam a corrupção em suas localidades.

Referências

- Adedigba, Azizat. 2018. "JAMB Reacts to 'Money-Swallowing Snake' Report." *Premium Times*, February 12, 2018. <https://www.premium-timesng.com/news/top-news/258344-jamb-reacts-money-swallowing-snake-report.html>.
- Adediji, Wale. 2013. "African Popular Culture and the Path of Consciousness: Hip Hop and the Culture of Resistance in Nigeria." *Postcolonial Text* 8, no. 3 & 4: 1-18.
- Alam, Shahid M. 1989. "Anatomy of Corruption: An Approach to the Political Economy of Underdevelopment." *American Journal of Economics and Sociology* 48, no. 1: 441-456.
- Armah, Ayi Kwei. 1968. *The Beautiful Ones Are Not Yet Born*. Boston: Houghton, Mifflin.
- Bangura, I. 2018. "Young People and the Search for Inclusion and Political Participation in Guinea." *African Conflict & Peacebuilding Review* 8, no. 1: 54-72.
- . 2016. "We Can't Eat Peace: Youth, Sustainable Livelihood and the Peacebuilding Process in Sierra Leone." *Journal for Peacebuilding and Development* 11, no. 2: 37-50.
- Bayart, Jean-François. 2009. *The State in Africa: The Politics of the Belly*. Paris: Fayard.
- Bergère, Clovis. 2016. "Remaking Street Corners as 'Bureaux': DIY Youth Spaces and Shifting Urban Ontologies in Guinea." In *DIY Utopia: Cultural Imagination and the Remaking of the Possible*, edited by Amber Day, 133-54. Lanham, MD: Lexington Books.

- Gberie, Lansana. 2005. *A Dirty War in West Africa: The RUF and the Destruction of Sierra Leone*. C. England: Hurst and Co.
- Harsch, Ernest. 1993. "Accumulators and Democrats: Challenging State Corruption in Africa". *Journal of Modern African Studies* 31, no. 1: 31-48.
- Hough, Dan. 2017. *Causes of Corruption*. USA: Agenda Publishing.
- Huntington, Samuel. 1968. *Political Order in Changing Societies*. New Haven: Yale University Press.
- Ojudu, Babafemi. 2019. "A Nigerian Senator Issues a Caveat Lector." *PM News*, 22 de novembro de 2019. <https://www.pmnewsnigeria.com/2019/11/22/a-nigerian-senator-issues-a-caveat-lector/>.
- Oshewolo, Segun and Durowaiye, Babatunde. 2013. "Deciphering the Phenomenon of Elite Corruption in Africa." *International Journal of Politics and Good Governance* 4, no. 4.4 Quarter IV 2013: 1-17.
- Pak, Hung Mo. 2001. "Corruption and Economic Growth." *Journal of Comparative Economics* 29, no. 1: 66-79. doi:10.1006/jcec.2000.1703.
- Philipps, Joschke. 2013. *Ambivalent Rage: Youth Gangs and Urban Protests in Conakry, Guinea*. Paris: L'Harmattan.
- Rotberg, Robert .I. 2017. *The Corruption Cure: How Citizens and Leaders Can Cure Graft*. New Jersey: Princeton University Press. 16-49.
- Sahlins, Marshall. D. 1963. "Poor Man, Rich Man, Big-Man, Chief: Political Types in Melanesia and Polynesia." *Comparative Studies in Society and History* 5, no. 3: 285-303.
- Scott, James. 1969. *The Analysis of Corruption in Developing Nations*. In *Comparative Studies in Society and History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Szeftel, Morris. 2000. "Clientelism, Corruption & Catastrophe." *Review of African Political Economy* 27, no. 85: 427-441.
- Shepler, Susan. 2010. "Youth Music and Politics in Post-War Sierra Leone." *The Journal of Modern African Studies* 48, no. 4: 627-642.
- Soderberg Kovacs, Mimmi and Bjarnesen, Jesper (ed.). 2018. *Violence in African Elections: Between Democracy and Big Man Politics*. UK: Africa Now, ZED Books.
- The Africa Report. 2020. "Kenya: Study Reveals Scale of Foreign Aid Diversion Offshore." *The Africa Report*, March 18, 2020. <https://www.theafricareport.com/24282/%E2%80%8Akenya-study-reveals-scale-of-foreign-aid-diversion-offshore/>.

- Timamy, M.H Khalil. 2005. "African Leaders and Corruption." *Review of African Political Economy* 32, no. 104/105: 383-393.
- Utas, Mats (ed.). 2012. *African Politics and Informal Power: Big Men and Networks*. London and New York: Zed Books.
- Walton, Grant W. 2012. "Is all Corruption Dysfunctional? Perceptions of Corruption and its Consequences in Papua New Guinea?" *Public Administration and Development*, 33, no. 3.
- Weis, Brad. 2009. *Street Dreams and Hip Hop Barbershops Global Fantasy in Urban Tanzania*. Indiana: Tracking Globalization.
- Youboty, James. 1993. *Liberian Civil War: A Graphic Account*. Philadelphia: Parkside Impressions Enterprises.

RESUMO

Muitos estudos contemporâneos sobre corrupção e subdesenvolvimento na África enfocam o papel da elite com pouca consideração pela interpelação e agência de cidadãos não pertencentes à elite. O artigo complementa o teor da literatura disponível. Com base em uma perspectiva dinâmica da corrupção, o artigo argumenta que as elites políticas são influenciadas em parte pelas demandas e expectativas dos cidadãos comuns. Essas demandas e expectativas são a principal motivação que alimenta e valida certas práticas amplamente consideradas corruptas. Este não é um artigo pró-elite. Em vez de um ponto de vista pró-elite, o artigo oferece uma análise matizada de como as ações e inações dos cidadãos afetam a conduta das elites governantes. Ignorar o papel das massas contribui para uma compreensão incompleta das vinhetas de corrupção e crise de desenvolvimento na África. Embora o artigo se concentre na África, os resultados são aplicáveis a outras regiões do sul global.

PALAVRAS-CHAVE

Corrupção. Subdesenvolvimento. África. Clientelismo. Elites.

Recebido em 9 de setembro de 2021

Aceito em 13 de outubro de 2021

Traduzido por Camila Tais Ayala